

Patrícia Boeira de Souza

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Nietzsche e a questão do corpo: aspectos fisiopsicológicos do adoecimento e o desafio da grade saúde – a dança como expressão vital

No discurso “Os sete selos”, Zarathustra fala “meu alfa e ômega é que tudo o que é pesado e grave se torne leve; tudo o que é corpo, dança; tudo o que é espírito, pássaro” – essa é uma passagem propositiva, de um mensageiro alegre que vê a dança como expressão vital, como linguagem e imagem de excelência e leveza, ou seja, um corpo em que a hierarquização dos instintos, isto é, os instintos mais fortes se sobrepõem aos instintos desagregadores – é possível dançar, é preciso fazer dançar, e essa é também uma tarefa filosófica. Nietzsche, ao longo de seu processo investigativo, suscita uma grave suspeita sobre a interpretação e a má compreensão que se teve do corpo até então no ocidente, evidenciando sua desconfiança acerca daquilo que durante séculos acreditou-se verdade, e que fundamentou, direcionou, cristalizou e conduziu o humano a “mal-entendidos” sobre sua constituição-performance. A negação do corpo é expressão do triunfo de valores decadentes, em que a gravidade pesou em demasia e quis enterrar e negar os dispositivos e possibilidades mais alegres e produtoras da virtude das singularidades – a saúde de cada alma. A dança aparece na obra de Nietzsche como expressão vital de saúde, do espírito livre que quer andar, que quer dançar, e diz respeito ao gesto dionisíaco que anseia pela música, mas que precisa também saber mover-se nos silêncios. Logo, esse trabalho tem como intento, a partir das articulações de Nietzsche, estabelecer o corpo como eixo principal de todas as valorações filosóficas, sejam elas decadentes ou não, evidenciando a dança como uma expressão da natureza dos corpos e sua potência vital.
